



ANA MARIA A. MACHADO

Waiiriki

A ORIGEM DE TUDO:

uma teoria ye'kwana sobre a criação do mundo

KARENINA VIEIRA ANDRADE*

VICENTE CASTRO YUDUWANA**

RESUMO Este artigo é fruto do encontro entre uma antropóloga que realiza pesquisa com o povo Ye'kwana, cujo território tradicional está situado na região que se estende do extremo norte do estado de Roraima até a bacia do Rio Orinoco, na Venezuela, e um de seus sábios, especialista nas canções e narrativas que compõem parte do conhecimento singular ye'kwana. Trazemos aqui a narrativa sobre a origem do mundo, permeada por comentários e reflexões tanto da pesquisadora quanto de seu mestre.

PALAVRAS-CHAVE Narrativas ameríndias. Modos de aprendizagem. Sociocosmologias.

THE ORIGIN OF EVERYTHING:

a Ye'kwana theory on the creation of the world

ABSTRACT This article is the result of the encounter between an anthropologist who conducts research with the Ye'kwana, whose traditional territory is situated in the region that extends from the Brazilian Amazon forest to the south of Venezuela, and one of their experts, an intellectual versed on the chants and narratives that composes part of Ye'kwana unique knowledge. We present here the narrative about the origins of cosmos, punctuated by comments and reflections of both the researcher as his master.

KEYWORDS amerindian narratives. modes of apprenticeship. sociocosmologies..

* Professora adjunta do Departamento de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Minas Gerais.

Pesquisadora do OEEI-FaE/UFMG.

E-mail: karenina@ufmg.br

** Sábio ye'kwana, estudioso e especialista nas narrativas wätunnä e nas canções ädemi.

Recebido em 10/2/2016. Aprovado em 13/4/2016.

Introdução ao mundo de Wätunnä – Karenina Andrade

¹ Os Ye'kwana são um povo cuja língua é classificada como sendo da família linguística caribe. A população ye'kwana está em parte no território brasileiro (quatro aldeias, todas no estado de Roraima) e parte no território venezuelano (cerca de 60 aldeias). Realizei pesquisa etnográfica com os Ye'kwana que vivem na Terra Indígena Yanomami-Ye'kwana, no extremo norte do estado de Roraima, na aldeia Fuduwaaduinha, então com cerca de 280 habitantes (Censo: Andrade, 2007). Fuduwaaduinha estava localizada na margem esquerda do Rio Auaris (que dá nome à região, como é conhecida pelos não-indígenas), a cerca de 280 milhas aéreas da cidade de Boa Vista, próximo à fronteira com a Venezuela. Vicente Castro vive na aldeia ye'kwana Waichãanha, conhecida pelos brancos como Waikás, às margens do Rio Uraricoera. Fundada na década de 1980 a partir de uma cisão de Fuduwaaduinha, as famílias que hoje vivem em Waikás mantêm relações de intensa proximidade com Fuduwaaduinha. A população de Waichãanha hoje é de cerca de 130 pessoas.

Como dizem os sábios ye'kwana, “é preciso começar sempre do princípio”. Assim como remeteram-me ao princípio do mundo, ao me iniciarem na aprendizagem das narrativas **wätunnä**, remeto o leitor ao princípio da minha parceria com Vicente Castro, que encontra aqui um primeiro experimento, tentativa de transpor ao nível textual o resultado de nossos encontros.

Conheci Vicente Castro em Auaris, onde então vivia e realizava a pesquisa etnográfica com os Ye'kwana¹, que resultou em minha tese de doutorado em Antropologia intitulada “A Ética Ye'kuana e o Espírito do Empreendimento”, defendida em 2007 no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília. O ano era 2005, eu estava já há alguns meses na aldeia Fuduwaaduinha, concentrando-me na aprendizagem da língua ye'kwana e já interessada no estudo das narrativas **wätunnä**, que eu vinha aprendendo com alguns mestres. A fama de Vicente Castro então já me alcançara – os homens de Auaris eram enfáticos ao apontarem-no como guardião de suas tradições. De acordo com eles, Vicente era o último grande sábio ye'kwana vivo, profundo conhecedor das narrativas **wätunnä** e das canções **ädemi**. Sua vinda a Fuduwaaduinha era motivada pela realização do festival **äddwajä edemi'jöodo**, que celebrava a derrubada da mata para abertura de novas roças. Ele fora convidado como cantor principal da festa. A propósito de sua estada em Fuduwaaduinha, seriam realizados mais dois rituais: o ritual da primeira amarração dos ornamentos corporais feitos com miçangas e pintura corporal dos bebês e a etapa final da iniciação feminina, quando, saídas da reclusão, as jovens teriam também seus corpos pintados e ornamentados com miçanga. Eu ansiava pela oportunidade de conhecer e ouvir Vicente. Durante as primeiras semanas de sua estada em Fuduwaaduinha, não tivemos oportunidade para trabalharmos juntos: não somente ele, mas toda a aldeia estava ativamente envolvida na preparação e realização das atividades

rituais, e a etnógrafa igualmente acompanhava e registrava minuciosamente cada etapa. Infelizmente, Vicente encerrou sua permanência em Fuduwaaduinha subitamente, pois sua esposa estava adoentada em Waikás, e ele retornou para cuidar dela. Não voltamos a ter outra oportunidade para trabalharmos juntos e prossegui com minha pesquisa em Fuduwaaduinha até o ano seguinte.

Após a defesa da tese, continuei retornando a Fuduwaaduinha eventualmente, tendo encontrado Vicente Castro apenas brevemente em Boa Vista em duas ocasiões. Alguns dos professores ye'kwana que tiveram oportunidade de ler minha tese diziam-me então que eu havia começado a aprender sobre o mundo de **wätunnä**, era preciso prosseguir e aprofundar minha aprendizagem. “Você deve continuar”, aconselharam-me no início de 2010, em uma visita a Fuduwaaduinha.

Após um breve hiato, motivado por minha contratação como professora adjunta da UFMG e minha mudança para Minas Gerais, em 2013 tive oportunidade finalmente de ter aprovado um projeto de pesquisa para continuar minha aprendizagem de **wätunnä**, desta vez tendo como mestre Vicente Castro. Para tanto, foi decisiva a realização de um seminário promovido pelo Observatório da Educação Escolar Indígena – OEEI, da Faculdade de Educação (FaE), UFMG, coordenado pela professora Ana Maria Rabelo Gomes. O objetivo do seminário, realizado na Serra do Cipó em maio de 2012, era reunir professores e sábios indígenas de diversas etnias para discutirem os modos de aprendizagem propriamente indígenas face à presença da escola nas aldeias. Ana Gomes havia sinalizado a possibilidade de trazermos convidados ye'kwana e prontamente entrei em contato com o amigo de longa data Maurício Ye'kwana, vice-presidente da Hutukara Associação Yanomami, para que decidíssemos quem poderia participar do encontro na Serra do Cipó. Maurício sugeriu então que convidássemos Vicente Castro, e qual não foi a minha surpresa ao receber de Maurício, dias depois, a resposta de Vicente: apesar da idade avançada, ele havia aceitado deixar sua casa no Uraricoera e enfrentar a longa viagem até Belo Horizonte, pois havia sonhado semanas antes que faria essa viagem². Vicente Castro, acompanhado do próprio Maurício e de sua irmã, a professora ye'kwana Viviane Rocha (hoje também pesquisadora do OEEI/UFMG), permaneceu conosco durante os dias do encontro e compartilhou conosco muitas palavras sábias e uma longa narrativa **wätunnä** sobre a origem da escrita – o leitor poderá conferir aqui trechos da fala de Vicente no encerramento deste evento.

2 Os sonhos são, de modo geral, um dos principais mecanismos de comunicação de xamãs e especialistas ameríndios com outros seres. Para os ye'kwana, os sonhos têm enorme valor por revelarem acontecimentos futuros, e é comum que as pessoas examinem seus sonhos todas as manhãs, para que possam tomar decisões sobre as ações cotidianas. Um sonho que revele maus presságios pode fazer um caçador, por exemplo, desistir de tomar parte em uma caçada. Desse modo, o sonho de Vicente foi um acontecimento decisivo para que ele aceitasse nosso convite.

Em uma das noites do encontro na Serra do Cipó, após o jantar, enquanto conversava com Maurício, Viviane e Vicente, este último me disse: “os brancos vão às nossas aldeias fazer pesquisa, mas nunca perguntam sobre o que eles realmente deveriam aprender”. Prontamente, lancei a proposta a Vicente: e se eu for até a sua casa em Waikás, não para fazer perguntas, mas para ouvi-lo sobre o que você acha que eu devo aprender? Você aceitaria? Vicente então deu-me a resposta positiva de que eu precisava para que pudesse iniciar uma nova etapa no processo de estudo das **wätunnä**. Em 2013, parti para a minha primeira temporada de pesquisa em Waikás, tendo Vicente Castro e sua esposa Luiza como anfitriões. Ao chegar a sua casa, após nossa primeira conversa, Vicente proferiu solenemente as palavras que ainda me emocionam: “você veio até a minha casa me ouvir e me diz que vem com o coração limpo. Então, eu vou contar a você tudo, desde o princípio. Enquanto tivermos tempo, enquanto eu estiver aqui, vou contar tudo a você.” Desde então, tenho passado os verões em Waikás, trabalhando com Vicente no que ainda é o embrião do nosso livro de **wätunnä**. Trago ao leitor, nas páginas seguintes, a narrativa de Vicente sobre o princípio de tudo: a criação da vida na Terra, que compõe um longo ciclo de histórias **wätunnä**.

As histórias **wätunnä** são, via de regra, passadas oralmente de geração a geração e há diversos níveis de conhecimento que se pode atingir. Todo indivíduo ye'kwana, homem ou mulher, conhece em alguma medida ao menos as principais histórias **wätunnä**, aquelas sobre os temas mais debatidos, como o surgimento do mundo e dos seres que nele habitam. O processo de aprendizagem das **wätunnä**, que dura toda a vida, poderá transformar o estudioso em um historiador, um especialista a quem se recorre sempre que é necessário e que fica responsável pelo treino de estudantes da nova geração.

Apesar de deixarem claro o papel crucial de **wätunnä** em suas vidas, só é possível perceber a real dimensão do que isso significa quando convivemos cotidianamente e por um período de tempo prolongado em uma comunidade ye'kwana. De onde vêm os nomes pessoais ye'kwana? **Wätunnä**. Onde se aprende a construir a tradicional casa redonda **ättä**, cuja estrutura é uma réplica do mundo celeste? **Wätunnä**. Onde se aprende a preparar os alimentos de maneira adequada? **Wätunnä**. Onde se aprende como deve se comportar um verdadeiro ye'kwana? **Wätunnä**. Onde se aprende como e quando devem ser realizadas as festividades? **Wätunnä**. Onde obtemos conhecimentos sobre astronomia, matemática, filosofia, botânica ye'kwana? **Wätunnä**.

Há diversas regras que regem o mundo de **wätunnä** e que tornam esse *corpus* de conhecimento singular. Não são meras narrativas sobre o passado e sua consequente análise, pois se, de fato, as **wätunnä** nos contam sobre acontecimentos do passado, o tempo cronológico aqui, crucial na narrativa histórica, não é fator determinante (embora isso não signifique que não exista um encadeamento entre as histórias). Para se ter uma ideia, pois, da dimensão de **wätunnä**, seria como se tentássemos contar toda a história da humanidade desde o surgimento da terra, após o *Big Bang*, em uma única narrativa, detalhada, que contaria a história de todos os povos e culturas conhecidos. Além disso, as narrativas revelam também acontecimentos que estão por vir, o futuro que aguardam os Ye'kwana.

Cada vez que se dá um acontecimento na aldeia que tenha relação com qualquer história, esta é contada pelos homens na **ättä**, a casa comunal, para que todos ouçam. Nessa ocasião, os homens mais velhos e conhecedores das histórias aproveitam para discutir versões, acrescentar detalhes à versão dos outros, esclarecer dúvidas e passar conhecimento aos mais jovens.

Desnecessário dizer o quanto o conhecimento **wätunnä** é valorizado e respeitado pelos Ye'kwana. O *status* que pode atingir um renomado historiador é tão alto quanto o de um verdadeiro **föwai**³. Quando me diziam da importância dessas duas personagens em suas vidas, ressaltavam que somente um grande Ye'kwana, de notável inteligência e com muita dedicação, poderá tornar-se um historiador ou **föwai**. O treinamento de um jovem aprendiz é árduo, e há um longo caminho a ser trilhado. Além da dedicação aos ensinamentos do mestre, o aprendiz deve abrir mão de uma série de alimentos e guardar abstinência sexual durante o período de aprendizagem. Tanto o **föwai** quanto o futuro historiador precisam adotar uma vida dedicada à aprendizagem do ofício. Durante o processo de aprendizagem, as histórias são contadas à noite, porque durante o dia os pássaros escutam e levam consigo⁴. Assim, quando à noite todos repousam depois de um dia de trabalho, o aprendiz procura seu mestre em busca de novas lições. Na manhã seguinte, mais uma vez a lida diária o aguarda – não há privilégios para os especialistas ye'kwana.

A análise das histórias **wätunnä**, portanto, é parte de uma estratégia de reconstituição dos valores constitutivos da cultura ye'kwana, possibilitando, assim, ao antropólogo, a elaboração de um instrumento que evidencie a matéria-prima

3 Xamã ye'kwana.

4 O processo de transmissão de conhecimento entre os Ye'kwana toca em duas questões cruciais: a centralidade da noção ye'kwana de corpo, na qual as dimensões interna e externa, visível e invisível, implicam-se mutuamente. Desse modo, se por um lado a aquisição de conhecimento produz transformações 'internas', por outro, afeta também a dimensão de externalidade corporal. Em outras palavras, a aquisição de conhecimento se processa não apenas em termos da subjetividade e do intelecto, mas produz transformações no corpo também no sentido físico do termo. A centralidade dessa noção de corpo e corporalidade tem sido longamente debatida na etnografia ameríndia (ver, por exemplo, o já clássico artigo de Seeger, Da Matta & Viveiros de Castro, 1979). A segunda questão, diretamente ligada à primeira, refere-se àquilo que é transmitido ao discípulo pelo mestre: ao transmitir conhecimento, o mestre dá algo de si, parte dos elementos que constituem seu próprio ser e que passam assim a compor também o corpo do outro. Esse conhecimento, dotado de certa fisicalidade, ainda que invisível, pode ser apropriado por outrem: o pássaro que voa no céu no momento oportuno e carrega consigo o que o mestre intencionava transmitir ao discípulo. Na iminência de sua morte, há sempre o risco de que o mestre tome de volta essa parte de si e a leve consigo ao partir definitivamente desta dimensão da existência. Vicente destacou em mais de uma ocasião a importância de estar

distante do mestre no momento de sua morte. Para ilustrar tal perigo, contou-me certa feita que ele e o irmão aprenderam wätunnä e ädemi com o mesmo mestre. No momento da sua morte, Vicente estava longe, em outra aldeia, mas seu irmão permanecia junto ao mestre. Ao morrer, o mestre levou a parte de si que havia transmitido ao irmão de Vicente, fazendo com que este esquecesse paulatinamente tudo o que havia aprendido, enquanto Vicente conservou consigo os ensinamentos.

⁵ Para além de seu caráter profético, as wätunnä compõem um todo aberto à experiência empírica. O devir é constantemente submetido (e apreendido por meio das) às categorias estruturantes do pensamento ye'kwana presentes em wätunnä, fazendo com que novos acontecimentos produzam novas narrativas com base na experiência mundana.

⁶ O meu próprio processo de aprendizagem das wätunnä procura seguir o modo de transmissão ye'kwana: as sessões são conduzidas por Vicente Castro sempre à noite, muitas vezes adentrando a madrugada, acompanhadas por mim, Bernaldo e, eventualmente, por outros membros da família, uma vez que me hospedo na casa de Vicente, onde se dão as sessões. Nunca gravei uma sessão de wätunnä, preferi sempre anotar à mão. O leitor ficará ciente, nas páginas que se seguem, das razões pelas quais essa escolha foi por mim tomada.

de que se compõe o mundo ye'kwana. Em **wätunnä** estão presentes os principais temas da vida ye'kwana, ora num tempo ahistórico, em que receberam os ensinamentos dos demiurgos, ora num tempo histórico, em que experiências vividas por seus ancestrais interferiram diretamente em sua visão de mundo e deixaram lições para o presente⁵.

Veremos a seguir Vicente nos contando sobre o processo de criação do mundo pelo demiurgo Wanaasedume. A narrativa foi traduzida para o português com a ajuda de Bernaldo, filho de Vicente Castro, que nos acompanhava diariamente nas sessões noturnas de aprendizagem⁶. De modo a tornar explícito ao leitor os comentários que o próprio Vicente adicionava às narrativas que aprendeu com seu mestre, optei por destacá-los em itálico no texto. Assim, o leitor poderá perceber que o papel do historiador não é apenas o de guardião das **wätunnä**, mas também de um intelectual que reflete criticamente sobre o mundo de que faz parte. As notas de pé de página, por sua vez, são comentários da antropóloga para explicitar aspectos das histórias e que muitas vezes passam despercebidos ao leitor iniciante, mas permanecem compreensíveis, nas entrelinhas, aos iniciados no mundo de **wätunnä** – e que pude apreender ao longo da convivência com os Ye'kwana, propiciada pela pesquisa etnográfica. Os termos na língua ye'kwana estão identificados em negrito (exceto os nomes pessoais e nomes de lugares do território ye'kwana). Passemos, então, às palavras de Vicente.

Wätunnä – Vicente Castro (tradução e adaptação de Bernaldo Estevão da Silva e Karenina Andrade).

No princípio, havia apenas os Sóis e as dimensões celestes por eles habitadas. Tudo se resumia à luz poderosa emanada por eles, luz criadora, potência de vida.

O Céu chama-se Ejukamaadi, onde o Sol está. Este Sol é Wanaasedu, que vive em uma casa de cristal. Acima desse céu há um outro céu, Shinhaweyu Kaajöi, cujo sol é Edinhadu. Wanaasedu brilhava em direção a essa dimensão celeste superior e não em direção à Terra. Acima desse, não há outro céu. O calor e a luz

de Wanaasedu são tão intensos que, se ele brilhasse voltado para a Terra, todos morreríamos. Por isso, sua luz está voltada para o céu acima do céu em que ele se encontra – lá onde não há ninguém.

Abaixo de Ejukamaadi há outro céu, chamado Adekumana Kaajöi. Há aí também um sol, de nome Wamaadidi. Esses três sóis – Wanaasedu, Edinhadu e Wamaadidi - estão perfeitamente alinhados, voltados para o céu superior. Abaixo, existem outras camadas celestes, onde estão outros sóis: Wedudumaashi Kajöi, onde o sol é Attawanaadi; Weduuiyemö Kajöi, onde o sol é Nhaajidiyena; Iyawishakuje Kajöi, onde o sol é Mane'da; Wedukueedö Kajöi, onde o sol é Attawana; Udaanakue Kajöi, onde o sol é Awayiuwaamadi; Shidichäkue Kajöi, onde o sol é Iodookodi; Chawaiyudi Kajöi, onde o sol é Fadaadamadi; Tawenakue Kajöi, onde o sol é Kwam-medu; Wadichuena Kajöi, onde o sol é Kamunhuana; Kajajutäne Kajöi, onde o sol é Awayiuwamadi. São essas as treze camadas celestes.

Os sóis Awayiuwamadi e Attawana se comunicam com Wanaasedu. Os dois primeiros estão mais próximos da Terra – Awayiuwamadi é quem nos ilumina. Ele contou a Attawana que na Terra (Adeetaku Kawa) não havia ninguém. Wanaasedu decidiu então criar pessoas para povoar a Terra. Ele fez **So'to**⁷, a primeira pessoa. A Terra era apenas uma casca, e ele colocou **So'to** em cima da Terra. Wanaasedu acompanhou **So'to** até que ele ficasse jovem. No entanto, **So'to** não tinha bons pensamentos, ele desejava tomar o lugar de Wanaasedu. Wanaasedu deu-lhe o nome de Odo'sha e o mandou para Kajunhadewa Kajöi. A morte inexistia para Wanaasedu, por isso, ele não destruiu Odo'sha, mas enviou-o para outro lugar. Lá, Odo'sha também criou pessoas, para ter ajudantes: Kajunhadewa, Kaiyajudi, Yakuenaka, Föana, Föwana.

Quando alguém quer ser um xamã, um fõwai, mas acha que já sabe tudo, que é o mais poderoso e importante, é sinal de que está envolvido com as pessoas criadas por Odo'sha – pessoas que não tem bons pensamentos.

Odos'ha sentia-se desprezado por Wanaasedu, porque havia sido colocado apenas na casca da Terra.

Veja como na terra nós jogamos casca de fruta, o que não serve. Assim ele se sentia.

Wanaasedu disse a Attawana: a pessoa que eu criei não é boa. Attawana retransmitiu a mensagem a Awayiuwamaadi, que sugeriu: é preciso tentar de novo⁸. Mas

⁷ So'to é o termo ye'kwana que, como em muitas línguas ameríndias, pode ser traduzido como “gente” ou “pessoa”. Trata-se de um termo que designa somente a gente/pessoa ye'kwana. Embora Ye'kwana seja um etnônimo (podendo ser livremente traduzido como ‘gente do galho n'água/gente da canoa’), o termo so'to é usado cotidianamente para referir-se a pessoas, sendo o termo Ye'kwana mais usado para designar o coletivo dos so'to (o sufixo ‘ana’ designa o coletivo de pessoas, semelhante a “povo”). Desse modo, fica explicitado que a primeira pessoa enviada à Terra era Ye'kwana. Veremos mais adiante as implicações disso no corpo da teoria ye'kwana sobre os sucessivos ciclos de vida na Terra.

⁸ O ciclo de vida na terra que está em curso é a terceira tentativa de Wanaadi de criar uma terra boa para se viver, depois que as outras duas fracassaram. Nos ciclos anteriores, os so'to decepcionaram Wanaadi, ao desejarem tomar seu lugar. Talvez isso explique porque os Ye'kwana estão sendo punidos neste terceiro ciclo – uma vez que o poder e a sabedoria foram concedidos aos brancos, os ladanaawi. Entretanto, devido ao desrespeito de ladanaawi pela ordem estabelecida por Wanaadi, também esse ciclo está fadado ao fim, dando lugar a um novo. A vida neste ciclo resume-se na batalha contra Odo'sha. Viver é estar em constante luta contra a influência maléfica dele, que reina na terra desde a partida de Wanaadi. Uma terra governada por Odo'sha não poderia, de fato, vingar. Os Ye'kwana, conhecedores dos ensinamentos de Wanaadi através das wätunnä passados de geração a geração, serão

poupados do sofrimento final, enquanto ladanaawi, que fechou os ouvidos às palavras de Wanaadi e passou a agir sob a influência de Odo'sha, sofrerá com um fim terrível. Como recompensa por ter abandonado os Ye'kwana à sua própria sorte, ao deixar a terra, Wanaadi iniciará o novo ciclo legando a eles todo o poder sobre os outros povos. Quando Wanaadi voltar, reunirá todos os povos e perguntará, a um por um: quem sou eu? Todos, ladanaawi, Sanumá, Waiwai, Macuxi, dirão “não sei”. Apenas os Ye'kwana responderão “você é Wanaadi”, e este dirá “você são meus filhos, meu povo, vocês não mentem.” Então, os Ye'kwana serão recompensados.

9 Odo'sha estragou tudo o que foi criado por Wanaadi para compor a Terra. Assim, há um elemento de odo'sha que constitui parte de tudo o que existe: árvores, animais, alimentos, pessoas... essa porção maléfica dos alimentos precisa ser extirpada através do trabalho de benzimento com cantos antes de seu consumo. Da mesma forma, quando se utiliza de recursos para a produção de bens tais como uma canoa ou construção de uma casa, por exemplo, é preciso retirar a porção odo'sha dos materiais empregados no fabrico do bem antes de seu uso.

não faça como antes, com a casca. Crie desta vez uma pessoa de verdade! Wanaasedu criou então uma nova pessoa, que chamou Ye'kwana. Wanaasedu também o acompanhou enquanto crescia, observando seu pensamento. Por fim, ele disse a Attawana: desta vez deu certo! Attawana mais uma vez retransmitiu a mensagem a Awayiuwamaadi. Os três, satisfeitos, decidiram mandar Ye'kwana para a Terra. Mas antes, era preciso preparar a Terra. Eles enviaram Famayia, que desceu do céu pendurado em uma corda e, assim, pendurado, observou como a Terra estava. Aí não havia ar para respirar; a Terra era pura lama, a pessoa não poderia pisá-la.

Os três sóis decidiram então chamar quatro ajudantes para melhorar Adeetaku Kawa, torná-la habitável. O primeiro ajudante, Iyaawa, foi até Manuda e disse a ele: eu preciso de noono (terra). Manuuda, dono de **noono**, respondeu: “de quanto você precisa?” Iyaawa disse: “eu preciso de tudo: **noono** (terra), **ãdeja** (plantas cultivadas), **iye** (madeira, árvores), **tuna** (água). Manuuda disse: “pode levar tudo o que for preciso.” Iyaawa chamou Kwamedu para peneirar **noono** (terra).” Kwamedu peneirou **noono** em cima de uma pedra, com a ajuda de outra pessoa, Kamunhuana. Após terminado, Enakuyiena pegou a terra peneirada e jogou sobre Adeetaku Kawa (a Terra). O primeiro lugar onde **noono** caiu foi em Kamasonha. Para fortalecer a Terra, enviaram **Maduda**, um enorme tatu. Ele misturou com suas unhas **noono** (terra) a Adeetaku Kawa (a Terra).

Awayiuwamaadi, o sol que iluminava a Terra, disse preocupado a Attawana: “a Terra está cheia de Odo'sha! O que faremos? Será que podemos pedir outra Terra?” Attawana respondeu: “não, teremos que consertar esta que aí está. Vamos virá-la, remexê-la!” Foram enviados à Terra vários seres: diversos tipos de formiga, besouro, tatus, para que remexessem e misturassem a terra. Depois de remexida a Terra, foi enviado um grande fogo, e, em seguida, uma grande enchente.

Wanaasedu determinou que fossem feitas as divisas internacionais, os continentes foram separados e o mar foi cercado, tarefas que couberam a Iodamme e Semeecado. Nesse momento, foi criado aqui um único e grande rio, o Kashishiwa-de (Rio Negro). A Terra então foi destinada aos Ye'kwana.

Depois de tudo pronto, Awaayuwaamadi avisou a Attawana que o trabalho fora finalizado, e este transmitiu a mensagem a Wanaasedu, que decidiu enviar Wadhe à Terra. Wadhe é o dono do ar que respiramos. Foram enviados a cada canto da Terra

um responsável pelo vento: Etodinhawaana, o mais forte de todos eles, que ficou do outro lado do mundo, nas regiões mais frias, onde há gelo (dada a força de seu sopro), Atadenhawana, responsável pela região centro-sudeste-sul do Brasil, e Iudaimakwa (que é o nome através do qual Wadhe é conhecido), responsável pela área onde hoje vivem os Ye'kwana. São esses três que mantêm o clima da Terra, são enviados de Wanaasedu. Os três trabalham em conjunto para que o vento e a chuva nunca cessem. Apesar de distantes uns dos outros, eles trabalham de maneira coordenada.

Após isso, as matas e plantas foram criadas. Wadu foi enviado para plantar matas e árvores, e, depois de encerrado o trabalho dele, Wanaasedu, Attawana e Awaayiu-maadi avaliaram que a Terra agora estava boa e pronta para receber vida, abrigar as pessoas. Decidiram enviar então os animais e fizeram uma solicitação a Waimmene, o dono dos animais terrestres, para que os mandasse à Terra. Os animais vieram e sobreviveram nas novas condições.

Em seguida, enviaram U'tonoodoko Widishadi, o dono dos pássaros. Ele queria saber se a mata poderia servir de alimento. Os pássaros chegaram e começaram a comer frutas, que mostraram-se um ótimo alimento. Foi então que Odo'sha, que pretendia dominar a Terra e estragar tudo que Wanaasedu criara, colocou veneno na mata. Os donos dos animais e pássaros conheciam as artimanhas de Odo'sha e avisaram aos animais quais espécies podiam ser comidas e quais não podiam. Foi Wadhe Iudaimakwa, dono do ar, que impediu Odo'sha de envenenar todas as espécies, o que era sua real intenção.

Iudakashiiyu, dono dos peixes, veio em seguida experimentar a água. Ele trouxe muitos peixes para o Rio Negro e lá, viram que a água era uma boa morada. Odo'sha mais uma vez tentou envenenar os peixes, mas obteve apenas sucesso parcial. Por isso existem peixes que não são comestíveis: foi a artimanha de Odo'sha em envenená-los.

Noono (a Terra) ficou pronta para ser povoada por outras pessoas. Wanaasedu decidiu finalmente enviar Ye'kwana. O primeiro Ye'kwana, ao pisar a Terra, mudou seu nome para Yuduwana. Ele veio sozinho, então Awaiyuwamadi pensou: vamos criar uma mulher para fazer-lhe companhia. Assim, criaram Etakushinhawana, entregando-a a Yuduwana, dizendo-lhe: aqui está uma mulher, para você criar gente. Yuduwana fez então um homem, a quem chamou Maseewi. Maseewi, por sua vez, criou um homem chamado Wanömä. Wanömä, por sua vez, criou uma mulher,

Kashimanawö. Ela era o vento que anda sozinha, lentamente – *por isso até hoje os Ye'kwana chamam esse vento pelo seu nome.*

Wanömä fez ainda um homem, Maiya, que criou outros dois homens: Etakunhawana e Majaanöma. Majaanöma criou Kumakane, uma mulher, e também um homem, Adajaiyena. Juntos, Majaanöma e Adajaiyena foram os que criaram mais pessoas. Majaanöma criou Kuyujani e seu próprio neto Sedume. Depois, criou Waiyakwadu, uma mulher, que tornou-se a mãe de Wanaasedume e Kuyujani, cujo pai era Etakudiyena. A partir daí foram surgindo mais e mais pessoas.

Awaiyuwamaadi ficou satisfeito com a quantidade de pessoas e pensou: é preciso fortalecer **Noono**. Assim, **akufa**, a planta de Wanaasedu, foi enviada à Terra. Foi de **akufa** que surgiram os primeiros **föwai**, os primeiros xamãs. E foram eles que criaram a separação entre dia e noite. O primeiro **föwai** foi Samukwana, o segundo, Dutuna.

Wanaasedu, Attawana e Awaiyuwamaadi voltaram a conversar. Wanaasedu disse: “os Ye'kwana estão fadados a desaparecer.” *Quando não houver mais nenhum Ye'kwana, Noono não será mais a mesma, perderá toda a sua força e será consumida por vulcões, enchentes e outros desastres. Noono vai acabar, e todos morrerão. Os brancos não sabem cuidar de Noono. Os xamãs ye'kwana é que mantêm Noono.*

10 Odo'sha também é conhecido como Kajushäwa ou Kaju, mas segundo Vicente, ele não gosta de ser chamado por esse nome, tendo adotado o nome de Iyejiyanadi ao chegar a Noono.

Kajushäwa¹⁰ viu os Ye'kwana e sentiu-se só. Ele resolveu criar pessoas também e criou várias: Majaamä, Manumä, Manö, Wiyu, Noono Aköödö, Köiyaaki.

Esses são os principais Odo'sha que estão até hoje no mundo.

Kajushäwa também criou Fataasena, que é o principal **wedökö äyajä** – “dono” das doenças. A partir de então, vieram para **Noono**: Otomo, o dono da gripe; Makadincha, dono das verminoses – *quando alguém sonha que está comendo carne é porque está com lombriga, tem que tomar sunamo (sumo de determinada árvore leitosa não identificada).*

Odo'sha resolveu vir em pessoa para **Noono**. Ele veio junto com Seduiyanaadi.

Iadewana fumou tabaco e soprou a fumaça na palma da mão. Apareceu um ovo, pequeno, do tamanho de um ovo de galinha. Ele guardou o ovo no bolso, junto com o tabaco. O ovo permaneceu aí guardado por uma semana. Depois desse período, ouviu-se um grito, um assovio. Iadewana pensou: ele quer nascer.

Iadewana pegou o ovo. Iadewanaadi veio escolher o nome dele, *como fazem os Ye'kwana*: Wanaasedume se for homem; Kumaashidi se for mulher. Iadewanaadi perguntou ao que nascia: “quem é você, Odo'sha?” Silêncio. “Quem é você, **Äkäiyu** (cobra, espécie identifi-

cada como animal odo'sha)?" Silêncio. "Quem é você, **Wiyu** (a sucuri)?" Silêncio. "Quem é você, Wanaadi?" Silêncio. "Quem é você, Wanaasedume?" Então, ele respondeu, e este ficou sendo seu nome. Ele começou a assoviar, e o ovo chocou. Ele nasceu. Ele nasceu e saiu andando. Andou poucos passos e ouviu alguém dizendo "Ka!". Olhou para trás e viu uma pessoa, mas seguiu adiante, para o lugar onde iria crescer. Era Kajushāwa (Odo'sha) quem havia gritado, ele nascera da casca do ovo que chocou Wanaasedume¹¹.

Awaiyuwamaadi preocupou-se com o nascimento de Odo'sha junto a Wanaasedume. Odo'sha chamava-se Iyejiyanaadi. Awaiyuwamaadi e Iadewana pensaram: vamos separar os dois. Iyejiyanaadi cresceu em Tudumashkanha, no quintal de Iudaimakwa. Wanaasedume cresceu em Kamasonha. Já crescido, ele ia caçar em Tudumashkanha. Havia lá uma árvore onde todos os pássaros iam comer fruta. Os dois iam caçar no mesmo lugar, até que um dia eles se encontraram. Primeiro chegou Wanaasedume, e depois chegou Iyejiyanadi, que assoviou para Wanaasedume. Ao ouvir o assovio, Wanaasedume perguntou-se de onde vinha aquele assovio. Disse então:

– Quem é você?

Iyejiyanadi respondeu:

– Sou eu!

– Quem é você? Venha até aqui, para nos encontrarmos – disse Wanaasedume.

– Sim, eu vou – respondeu Iyejiyanadi.

Ao se encontrarem, Wanaasedume disse:

– Então é você? Quem é você?

– Quem sou eu? Diga meu nome!

Wanaasedume olhou, pensou... como irei chamá-lo? Ele ficou em silêncio. Então,

Iyejiyanadi respondeu:

– Eu sou Iyejiyanadi Ka'sadena.

Wanaasedume pensou, ah, então é você? Depois de instantes de silêncio, ele perguntou:

– E eu? Quem sou eu?

Imediatamente, Iyejiyanadi respondeu:

– Eu te conheço, você é Wanaadi.

Assim, Odo'sha foi mais esperto e saiu na frente, deixando Wanaasedume em desvantagem. Até hoje Odo'sha está fortalecido e tem muito poder.

¹¹ Em outras versões, Odo'sha nasce da placenta apodrecida de Wanaasedume. Os Ye'kwana teriam adotado, desde então, o costume de enterrar a placenta dos recém-nascidos dentro do cupinzeiro, para que as térmitas possam comer a placenta e esta não apodreça, gerando outro ser corrompido.

Iyejiyanadi disse então:

– Eu sou teu amigo, vou contigo.

– Então vamos, respondeu Sedume.

Os dois seguiram juntos, mas Wanaasedume deixou Iyejiyanadi próximo a sua casa, em Iyowadinha, no igarapé Wa'setä. Wanaasedume criou então uma serra entre sua casa e Iyowadinha, para que Odo'sha não viesse até lá. Iyejiyanadi enfureceu-se e criou **Wiyu**, dando-lhe o nome de Iyawaajmeku. Iyawaajmeku fez contato com o vento e com a água. *Foi assim que surgiu a comunicação via rádio. Iyawaajmeku é o inventor do rádio, do gravador e da filmadora*¹².

¹² Esses equipamentos são considerados potencialmente maléficos, pois são capazes de captar a imagem e a voz das pessoas, enfraquecendo-as, fazendo-as perder conhecimento. Odo'sha teria incitado Iyawaajmeku a criá-los com a intenção de ouvir as palavras de Wanaasedume e causar-lhe mal. Por essa razão, optei, como dito anteriormente, por não gravar as sessões de wätunnä, em respeito a Vicente Castro. Ele costuma dizer que, quando autoriza alguém a gravar sua imagem e suas palavras, pode neutralizar o potencial maléfico de tais equipamentos protegendo-se deles. No entanto, preferi não solicitar sua autorização para gravar as sessões, algo que me parecia invasivo, incompatível com o tipo de relação de longa duração que estabelecemos.

Os dois enviavam mensagens a Wanaasedume, mas as mensagens não chegavam. Iyejiyanadi pensou: “então criarei pessoas!” Ele fez surgir um homem, Padre, e sua mulher, Madre. Padre criou a língua ye'kwana, que era transmitida através do sangue. Assim, a fala chegava aos outros. *Começou aí a comunicação, que permitiu aos brancos criarem diversas maneiras de comunicação à distância. A cultura e modo de vida dos brancos (kōnasejetöi) permitiu-lhes avançar tecnologicamente. Tudo começou com Padre, que fez surgir a inteligência dos brancos, sem ter consultado Wanaasedume.*

Wanaasedume vivia com o cunhado, Wannato. Todos os dias ele perguntava ao cunhado:

– Como você sonhou?

– Ah, sonhei que estava matando veado! – respondia Wannato.

– Então veado morrerá hoje!

Odo'sha respondia ao longe:

– Não! Morrerão teus parentes, teu filho!

– Ah, sonhei que construía uma casa! – retrucava Wannato um outro dia.

– Não, este sonho não é bom! Teus parentes morrerão! – profetizava Odo'sha.

Desse modo, Iyejiyanadi determinou os presságios ruins. Poderoso, ele determinou os acontecimentos, antes que Wanaasedume pudesse prevê-los, e fez com que a vida em Noono fosse marcada por infortúnios.

Majaamä criou os animais terrestres – répteis, mamíferos, todos os animais que andam sobre a Terra. O primeiro foi **Fademö** (o tamanduá). Depois veio **sheu** (quati), e então **awaadudi** (gato do mato).

Não podemos comer o tamanduá. Os animais que os ye'kwana não comem se chamam tōnajmunekomo. Também não comemos awaadudi.

Os primeiros animais que chegaram à Terra foram **fajaadi**, **maduuda**, **tanaamö eje-eda kōnai**. Depois vieram **iodooko**, **soodo**, **kawadima**. Passou-se muito tempo, até que Majaamä criou o boi, depois o cavalo. A princípio, o boi não era comestível, mas Wanaasedume tornou-o bom para comer. Wanaasedume criou **shiiwo** (carneiro), um animal comestível, e criou também **cameiyo** (camelo) como seu animal de estimação. Majaamä decidiu então criar vários animais de estimação: cobras e **wiyu**. Wanaasedume criou cobras também, para que pudessem comer as cobras de Majaamä. Criou ainda **kamatawa**, **onajä** e **kawa**, que são pássaros que comem cobra em vez de comerem frutas. Às vezes eles comem outros pássaros também, tais como **fä'nä** (nhambu) e **faawi** (mutum).

O Rio Negro, Kashishiwade, foi o primeiro rio criado em **Noono**. Nas cabeceiras o rio também é salgado, mas é um outro tipo de sal, que chamamos **wada'tadu**. O sal foi colocado na água para torná-la boa. Wadhe foi quem transformou a água. Usou **wada'tadu** nas cabeceiras; no mar usou um outro sal. **Wada'tadu** é como uma pedra, bem branco.

Existem quatro tipos de sal: norte, sul, leste e oeste. Cada tipo de sal fica em uma direção. As correntes de água espalham cada tipo de sal em cada região. Antigamente, tínhamos acesso ao sal em pedras, até mais ou menos a década de 1980. Depois passou a ser como compramos hoje.

*O sal fortalece o mar, a força do mar vem dele. As pedras de sal retiradas do mar podem ser usadas como remédio para cura de dor no estômago (deve-se bebê-lo), dor no joelho (banha-se o joelho com sal), para cicatrizar cortes (o sal cicatriza em poucos dias). O sal **wada'tadu** também pode curar. Usa-se para tratar acidentes ofídicos – faz-se um pequeno corte do lado do corpo oposto à picada e coloca-se uma pedra deste sal no local do corte.*

*Wiyu é a dona do sal, é preciso pedir a ela permissão para retirar qualquer tipo de sal, ou este causará doenças. **Föiyudu** também parece com sal e também é usado como remédio. Ele está no rio **Kuno**. É uma pedra escura que não pode ser tocada, pois quem tocar nele ficará estéril. É preciso deixar miçanga no lugar onde esse sal é retirado, um presente para o dono dele. Esse sal é usado para curar cistos e tumores; esquentam-se a pedra no fogo e faz-se massagem local de oito em oito horas. Há pedras de vários tamanhos, os quatro maiores são para massagem e os menores para fazer chá e tomar, para quem não quer mais ter filhos¹³.*

Föiyudu é uma pessoa e apenas ao meio-dia ele caminha de um lado para o outro. É preciso ir buscá-lo às dez horas da manhã e é preciso agir de maneira rápida, usando um pedaço de madeira – não se pode tocá-lo com as mãos. Ao chegar ao local, é preciso dizer: quero

13 Nesse momento, Vicente se levantou e foi até um canto da casa. Abriu uma maleta e trouxe uma pequena caixa até a mesa onde estávamos sentados. Cuidadosamente retirou dela pedras escuras, que manipulava cuidadosamente com pequenos suportes de arame. São pedras de Föiyudu, que ele nos mostra. Fez uma pequena pausa para esquentar uma das pedras e passar atrás da orelha de Bernaldo, onde havia um pequeno cisto.

föiyudu para curar tumor, mialgia, dor no estômago. Eu preciso que você me ajude. É preciso proceder dessa maneira; do contrário, não se consegue sequer enxergar föiyudu, já que ele fica misturado a outras pedras e não se mostra. Quando se conversa com Wiyu, seu dono, ele aparece rápido. Esse é um outro tipo de Wiyu, não é Odo'sha. Este Wiyu não mata pessoas e nem aparece na forma de homens e mulheres que você conhece, como o outro Wiyu que é Odo'sha. Ele mora dentro da montanha e é o dono dos remédios. Eu posso vê-lo nos meus sonhos.

– Como ele é, que aparência tem, Vicente?

Ele é uma pessoa, mas não usa roupas. Ele é muito grande, muito alto, cerca de cinco metros. Eu fico pequenininho perto dele, posso passar por entre suas pernas.

O Wiyu que é odo'sha aparece em sonho para o homem da forma de mulher (e para a mulher, na forma de homem). Ele faz sexo com quem sonhou. Caso ele queira te levar, vai aparecer para você em pessoa, não só em sonho. Uma vez que você vê Wiyu não há mais volta – você vai embora.

Quando alguém sonha com esse Wiyu, não pode tomar banho no rio, é preciso carregar água para tomar banho, como fazem as mulheres quando estão menstruadas¹⁴. Elas também correm risco de serem adoecidas por Wiyu. Quando alguém sonha com Wiyu, acordará doente.

Wanaasedu criou o mundo dos brancos e seus **ädeja** (cultivares): manga, cacau, café. A primeira plantação dos brancos foi na cidade, Tawapo, no Rio Entawaadi. A segunda foi em Ankutudänha (Ciudad Bolívar). A terceira plantação foi em Kadakänha (Caracas). Em cada um desses lugares, ele criou gente, o branco de cada lugar. Depois ele seguiu para o outro lado, fez plantação nos Estados Unidos. Depois, na Europa. Por fim, em Wedenha (na região onde vivem os Árabes). Ele saiu da América do Sul e andou por todo o mundo plantando. Depois de rodar tudo, voltou ao lugar de onde havia partido para criar a cidade de São Paulo, depois o Rio de Janeiro. Os demais lugares foram criados pelos brancos.

Enquanto Wanaasedume andava, Iyejiyanadi seguia em seu encalço. Quando ele chegou a Tawapo, encontrou uma pessoa que Wanaasedume havia criado utilizando-se de sua saliva. Iyejiyanadi perguntou; “há quanto tempo Wanaasedume passou por aqui?” A pessoa respondeu: “Sou eu, pode falar!” Iyejiyanaadi respondeu: “Não, não é você não, você é outro!” Então a pessoa disse: “ah, olhe a plantação que ele deixou, está quase dando fruto.” “E para onde ele foi?”, perguntou Iyejiyanadi. “Foi por aquele caminho”, – e apontou o caminho oposto ao que Wanaasedume havia tomado.

¹⁴ Mulheres menstruadas não podem tomar banho por imersão, elas carregam água em baldes e tomam banho na beira da água. Diz-se que o sangue menstrual atrai Wiyu, dona dos rios, igarapés e lagos, que irá atrás da mulher e a fará adoecer. “Por isso as mulheres brancas só vivem doentes! Elas não respeitavam esse costume!”, disse-me Bernaldo. Eu retruquei, ingenuamente: “mas tomamos banho no chuveiro!” Ao que ele sagazmente replicou: “e para onde vai a água que desce pelo ralo do banheiro? Para onde vai a água dos esgotos? Para o rio, para os lagos!!!”.

Iyejiyanadi seguiu e chegou a Ciudad Bolívar. Lá, encontrou outro vigia deixado por Wanaasedume. “Há quanto tempo Wanaasedume passou por aqui? Eu sou Wanaasedume, pode falar!”. “Não, você não é ele, você é outro!”, respondeu Iyejiyanadi. “Ah, olhe a plantação que ele deixou aqui, os frutos estão quase maduros!”. Iyejiyanadi seguiu adiante. Chegando a Caracas, mais uma vez encontrou um vigia deixado por Wanaasedume. O diálogo entre eles se repetiu: “Há quanto tempo Wanaasedume passou por aqui?”, perguntou Iyejiyanadi. “Sou eu mesmo”, respondia o vigia. “Não, você não é Wanaasedume!”. “Faz muito tempo que ele passou por aqui, olhe a plantação que ele deixou, já estamos comendo os frutos!”. “Por onde ele foi?”, perguntou Iyejiyanadi. “Por aí” – apontava um caminho diferente do tomado por Wanaasedume – “pode seguir em frente!”.

Iyejiyanadi chegou aos Estados Unidos. Encontrou outro vigia e tornou a perguntar: “Wanaasedume passou por aqui?”. “Eu sou Wanaasedume, pode falar”, respondeu o vigia. “Você não é Wanaasedume, você é outra pessoa!”, respondeu Iyejiyanadi. Mais uma vez ele seguiu adiante no caminho apontado pelo vigia. Ao chegar à Europa, encontrou as pessoas comendo os frutos da plantação de Wanaasedume. “Wanaasedume passou por aqui?”. “Eu sou Wanaasedume, pode falar”, respondeu o vigia. “Você não é Wanaasedume, você é outra pessoa! Há quanto tempo ele passou por aqui?” “Olhe esta plantação, nós já estamos comendo os frutos que ele plantou!”. Iyejiyanadi seguiu para Wedenha. De lá, Wanaasedume transformou-se em criança. Ele criou a mãe dele, que se chamava Etakueni. Ele entrou no útero da mãe e nasceu como criança.

Quando ele chegou aos Estados Unidos, ele criou os brancos com cocô de um tipo de Wiyu chamado De’kekeni. Na Europa ele fez a mesma coisa. Em Wedenha, criou pessoas com o cocô do wiyu De’kedu. Também criou os franceses e deixou-os na França.

Por isso este povo é branco, como o cocô de Wiyu.

Ao voltar para São Paulo, criou pessoas com o cocô de Fadiwekoimma, também no Rio de Janeiro. Na Itália, foi com o cocô do wiyu Ejadiyenedo. Na África ele encontrou tajujanä, um carvão, e criou pessoas com esse carvão.

Nos Estados Unidos, Wanaasedume criou o papel, depois inventou o avião, carro, combustível... O papel ele entregou a **Majeewa** (uma grande borboleta), que nele foi escrevendo e dobrou-o. **Majeewa** fez isso nove vezes – foram nove pedaços de papel escrito e dobrado. Ao chegar lá, Iyejiyanaadi começou a ler o que **Majeewa** havia

escrito. No entanto, ele somente desfez quatro das nove dobraduras. Na quinta dobra, ele leu somente a metade e, a partir dela, não conseguiu ler mais. Havia uma casa com nove quartos, e, em cada quarto, **Majeewa** deixou um pedaço dobrado. Iyejiyanaadi leu o que estava em quatro quartos. No quinto quarto, ele leu apenas a metade e depois não conseguiu ler mais. Assim estava escrito: “você precisa ler este livro. É preciso chegar com a consciência limpa e bom pensamento, do contrário você não chegará a Wanaasedu e Attawana. Você não pode levar os seus problemas; se você levar seus problemas, não conseguirá chegar até eles.”

Waniyjadō Akudajai era o lápis. Ele é o dono da tontura/loucura. Essa é a doença que havia no lápis e é por isso que lápis e caderno enlouquecem, fazem as pessoas adoecer.

Odo'sha também fez uma mulher para ser sua mãe e chamou-lhe Maria. Ele imitou Wanaasedume. Havia aí um galo. Ele nasceu aproximadamente às 04:00h. O galo então cantou: Jesus Cristo nasceu! Chamaram-no Jesus Cristo.

Ao chegar aos Estados Unidos, ele perguntou ao vigia deixado por Wanaasedume como ele havia partido de lá. O vigia explicou que ele havia partido de avião. Odo'sha criou o avião também, mas ele deu uma volta e retornou ao mesmo lugar – ele não conseguiu alcançar Wanaasedume. Ele ficou aqui mesmo em **Noono**, onde está ainda hoje – este é o reino de Odo'sha. Wanaasedume partiu para o céu. Até hoje, os dois não se encontraram mais. Odo'sha está por aí, procurando por ele...

*Mawakena era o dono do ouro. A saúva era o **chokatto** dele, a sua sombra. Tornou-se o seu duplo e roubou-lhe o ouro. A saúva caminha por todos os lados, não há limites para ela, atravessa montanhas, vai em frente. Ela levou o ouro para outros lugares. Os brancos são como a saúva, abrem estradas, são gananciosos no seu desejo por dinheiro. No nariz da saúva há um brilho, é o ouro que ela roubou. Eu ouvi sobre um branco que cavou um túnel, um ladrão que cavou um túnel para roubar milhões de um banco. Ele cavou o túnel e entrou no cofre do banco, roubou muito dinheiro. Ele é como a saúva.*

Os nossos antepassados, os sábios, diziam: os fazendeiros não podem chegar aqui, nas nascentes, nas cabeceiras. O rio secará, eles vão desmatar. Além dos fazendeiros, garimpeiros, fábricas, os brancos vão trazer máquinas ainda maiores e com maior poder de destruição, avançando sobre a terra indígena e seus recursos (ouro, petróleo, todas as riquezas naturais).

Wätunnä explica que essas máquinas mais potentes irão acabar com o modo de vida ye'kwana. Os brancos vão desejar que se façam plantações de arroz, café, cacau, para vocês viverem. Os Ye'kwana farão desse modo. Isso será apenas para enganá-los, para depois consumir o que eles plantaram. Eles viverão como os brancos, comendo as coisas dos brancos. Isso é o que a teoria ye'kwana ensina, **wätunnä** ensina. Na Venezuela, isso já começou, o pessoal lá está fazendo plantação dos brancos, tem fazendas, eles não veem o futuro dos próprios filhos, já estão como brancos. Os brancos vão inventar uma máquina para roubar **shejedö**, roubar a sabedoria ye'kwana, o conhecimento, o poder dos ye'kwana. Já aconteceu na Venezuela com **föwai**, vai acontecer comigo também¹⁵. O outro perde conhecimento e já não é mais a mesma pessoa. Os grandes sábios revelaram tudo – quando os brancos chegassem, o que iria acontecer. Não se pode impedir a escola. Não se pode impedir a entrada dos brancos em nosso território. Não há como impedir.

Muito do conhecimento ye'kwana tem-se perdido¹⁶. Antes, havia os especialistas. Uma mulher quando tinha filhos, por exemplo, levava a criança para que o **föwai** pudesse ver quais os talentos e habilidades aquela criança possuía, o que ela iria se tornar, assim como as mulheres brancas levam seus filhos ao médico. Agora as mulheres ye'kwana também vão ao hospital, ao médico. Isso enfraquece, mata o conhecimento ye'kwana. Por isso, nós mais velhos estamos tristes. As histórias ensinavam tudo. **Wätunnä** é como a universidade.

Antes, não havia nada nesta terra onde estamos. Não havia água, terra, nada. **Wanaasedume** criou um **so'to**. Este **so'to** tinha mau pensamento, não ouvia **Wanaasedume**. Ele trouxe este primeiro **so'to** de volta, não queria matá-lo... o seu filho nasce com deficiência, se comporta mal... você não vai matar seu filho, não é mesmo? **Wanaasedume** não queria matar pessoas, ele manteve **so'to** vivo. Há vários céus, um deles é **Kajunhadewa**, e para lá **Wanaasedu** mandou **so'to**. **So'to** não havia pisado a terra. **Wanaasedu** fez outro **so'to**, que ouvia suas palavras. O segundo **so'to** veio aqui e percebeu que a terra não era adequada para viver: não havia água, ar. Ele veio no **akai**¹⁷ e ficou pendurado, ele respirava através de um algodão. Ele tentou pisar, mas viu que não dava. Ele afundava. O **so'to** foi novamente ao encontro de **Wanaasedu**, que disse-lhe: você terá pessoas sob sua responsabilidade, você deverá cuidar delas. O sol levou **so'to** de volta. **Wanaasedu** criou outras pessoas que pudessem vir para cá ajudar a criar a terra. O primeiro **so'to** enfeitava tudo o que vinha para cá. O **fajadi** (tatu-bola) trabalhou muito para consertar essa

¹⁵ Vicente se refere aqui à filmadora e ao gravador – máquinas de roubar conhecimento.

¹⁶ A partir daqui, o longo comentário que se segue foi proferido por Vicente Castro no já mencionado encontro na Serra do Cipó. Lá, ele abriu sua fala com uma canção sobre a chegada dos colonizadores espanhóis à América. A seguir, narrou uma versão resumida da **wätunnä** que acabamos de ler aqui, falando especialmente da invenção do papel e da escrita. O comentário de Vicente reproduz alguns trechos da narrativa, de modo a enfatizá-los, através da repetição. Resolvi, pois, manter as repetições no texto, de modo a deixar explícito, por um lado, o quanto a repetição é um artifício característico da oralidade e, por outro, quais trechos da narrativa Vicente escolhe repetir, enfatizando sua importância. A fala de Vicente foi traduzida para o português, na ocasião, por Maurício Ye'kwana.

¹⁷ Espécie de balanço onde as crianças recém-nascidas permanecem sentadas, tocando os pés no chão. O **akai** fica pendurado em uma das vigas da casa, assim a criança pode apoiar os pés no chão e ensaiar os primeiros passos. Os bebês não devem sentar-se no chão, considerado perigoso, uma vez que noono está repleta de **Odo'sha**. É raríssimo ver mesmo um adulto ye'kwana sentar-se ao chão: na ausência de banco, as pessoas improvisam assentos com folhas, galhos, tocos e até mesmo com seus chinelos.

terra, deixá-la boa. Vieram os animais, vieram as árvores, água, tudo. O feitiço do primeiro so'to veio junto. O tatu trabalhava bastante para consertar isso, por isso eles cavam a terra.

Algumas pessoas atravessaram o mar, foram enviadas para a Europa, por isso lá também existe terra. A terra foi dividida entre os vários povos, a Amazônia foi dada aos indígenas, a terra dos brancos foi mais para cá. Eu fico pensando, quando vou para Boa Vista, os não indígenas falam que é preciso comprar a terra. Por que eles falam isso? Aqui, esta terra é nossa! A terra dele é pra lá, esses brancos que estão aí são invasores. Hoje em dia é tudo proibido, eles me impedem de fazer a minha rota de viagem. Eu não posso ultrapassar a fronteira¹⁸. Antigamente não tinha fronteira. Agora nós temos medo, temos medo de morrer. Ele pode me matar a qualquer momento. Para que vender a terra? Não é para vender.

18 Vicente refere-se aqui à fronteira internacional Brasil-Venezuela, que corta o território tradicional ye'kwana.

O dono do vento veio para terra. Eram três irmãos; um foi pra lá, onde eu vivo, o outro está soprando para cá, por isso estamos aqui sentindo frio e outro, mais velho, foi para a Europa. Ele era o mais forte, por isso lá há o gelo de montanhas. Aqui (em Belo Horizonte) é pouco, às vezes tem neveiro. Onde eu moro não há tanto frio, porque os fōwai antigos impediram o frio demasiado na região.

Os peixes, as aves, tudo foi criado. Então, veio a segunda pessoa veio experimentar como estava a terra. Viu que estava tudo bom, havia alimento, iadaaki, pimenta, mandioca, tudo... Não foi fácil, tinha problemas também, tinha que cuidar, quando você não cuida da sua roça, os alimentos não nascem sozinhos! As crianças, é preciso cuidar também. É a mesma coisa com as plantas que você plantou para comer. Naquela época era muito difícil. Por isso eu digo, é preciso cuidar das roças, para que tenhamos alimentos. A mandioca não é uma coisa simples, existem diferentes tipos. Quando ela não está pronta, ou se você comer a raiz, você vai morrer. Eu estou chegando ao ponto de como surgiu, como devemos cuidar.

Sedume veio, o neto de Wanaasedu. Aquele primeiro so'to queria matar Sedume. Morria apenas o seu reflexo, a sua imagem, mas ele continuava andando, era como se jogasse uma camisa, ele não morria, ele continuava andando. Foi aí que surgiu a escrita. Sedume escreveu, para aquele outro não perseguir mais, ele enrolou o papel e estava lá escrito. Ele disse: "se você deixar esse papel aqui, você vai comigo; se você não deixar, você não vai." Foi assim que começou a escrita, uma outra forma de adquirir conhecimento, que não é mais da cabeça, já deu a vista para enganar a pessoa, surgiu a palavra escrita. Assim que surgiu o papel, nós que estamos morando aqui, chamado Brasil, a gente não conseguiu atravessar o mar, porque Sedume foi e depois marcou reunião (como estamos aqui agora). Ele voltou para ter uma conversa com

as pessoas que tinham ficado, ele tinha deixado aqui, só que nós tentamos, mas não conseguimos ir até lá do outro lado do mundo. Outros não-indígenas foram, carregando esse camelo, ele não fica com sede porque ele carrega água nas costas que ele tem, as duas montanhas nas costas dele, ele não sente nada, ele vai embora, e aconteceu esse momento de reunião lá com as pessoas, então os não-indígenas adquiriram o papel, mas nós não, nós só éramos na cabeça mesmo. Outras pessoas que ficavam nas suas localidades, um perguntava ao outro: “você viu?”. A pessoa lá dizia: “sim, eu vi, tá tudo aqui, eu anotei”, como nós aqui. Agora, vocês estão anotando, vocês estão imitando essa pessoa, para vocês não esquecerem, daí que saiu a palavra, dessa forma você vai enganar as pessoas, você vai produzir um monte de coisas, produzir os livros, essas coisas, através disso você vai enganar as pessoas, e está dando certo! Na minha visão, está dando certo. Vocês estão me vendo aqui. Eu estou anotando alguma coisa aqui? Nada. Então depois que veio a invasão pra cá, veio esse papel de enganar as pessoas, nós acreditamos que a primeira chegada de não indígena era estranho, a gente via barbudo, cheio de pelos, junto com esse papel. Isso de papel, para nós é para enganar as pessoas, assim contavam os mais velhos. Isso que meu parente estava falando aqui, querendo anotar alguma coisa, mas ele não deixa anotar, porque você estava pegando conhecimento, você está colando o que ele está falando naquele papel, isso não tem volta mais para ele, você está pegando a fala daquela pessoa¹⁹.

Nós aqui, o que estamos tentando construir? Tem vários povos aqui, várias etnias, cada uma com seu conhecimento. Os que mais conhecem da cultura, vamos tentar fazer isso juntos. Nós estamos com medo de quê? Medo de que o governo não entenda nossos costumes, não queira fazer isso ou aquilo. “Não, vocês tem que aprender do jeito que está aqui no papel” – desse jeito que o governo fala. Por isso em todas as escolas indígenas aplicaram esse livro, isso é a coisa da mentira, como eu falei, e foi isso que a gente aplicou dentro das nossas comunidades. Então vamos tentar inverter um pouco isso, o que vai resultar da nossa conversa? Vamos fazer com eles também! Vamos ter que fazer um livro? Mandar lá no setor do governo para que ele entenda o que nós queremos? O governo não quer isso! Se fizermos isso eles vão dizer, ah, vocês tem que fazer dessa forma, desse jeito. Nós queremos as nossas escolas. Então vamos para a frente, meus amigos, vocês professores que estão tendo este conhecimento, diferenciar um pouco a cultura de sociedades indígenas e não-indígenas, pensar um pouco e refletir sobre o que nós temos que fazer, porque eu aprendi de outra forma. O meu pai, a minha mãe morreram quando eu era criança, eu vivi jogado, quem me adotou foi um tio, que me passou o conhecimento que eu tenho agora.

19 O potencial nocivo do papel é menor se comparado à câmera e ao gravador. No papel, o conhecimento está ‘morto’, enquanto a captura da imagem e da fala retiram elementos vitais da pessoa. Não se pode aprender a cantar apenas lendo a letra das canções ädemi ou a’chudi de um caderno, destacam os sábios.

*Eu vi as pessoas fazendo xamanismo, os cantos, assim eu aprendi. Os nossos jovens não querem mais aprender o conhecimento que nós temos, de que forma nós vamos fazer isso então? Qual é a forma de ter esse caminho de mantermos a nossa cultura? Como nós vamos buscar isso? Porque a maioria dos nossos jovens foram enganados, por causa do papel. Eles estão nesse caminho. E agora, o que nós vamos fazer? O que eu aprendi é a tratar as pessoas, curar as pessoas, usar os remédios tradicionais, isso eu aprendi. Outra cultura, eu não quero aprender, eu não quero ver isso. Eu não quero ver as pessoas dizendo para mim “ah, você vai ser outra pessoa agora!” Eu não quero isso. Eu sei que esse papel vai trazer muitas coisas ruins, vai atrapalhar meu pensamento e vai atrapalhar o que eu tenho de conhecimento, por isso eu quero viver do jeito que me ensinaram. Vamos encontrar uma solução para nossos jovens, porque não é só na minha aldeia que está acontecendo isso, é geral, foi o que eu ouvi aqui. Isso é a aprendizagem que vocês chamam tradicional, não é anotando num papel. Anotando no papel eu não vou ter conhecimento. Eu não vou ter nada. Aprendendo da forma que o pajé está mandando, fazendo dietas, sem comer nada, só tomar água do cipó, você tem que aguentar. Essa é a educação tradicional indígena, assim que você educa. O professor que se forma aprende química, matemática; o xamã é a mesma coisa, ele conhece tudo. Ele é um professor, ele vai te ensinar isso, vai te aconselhar a não fazer aquilo, porque dentro da nossa cultura existem várias regras a ser seguidas. Foi assim que eu fui ensinado, eu não quis casar tão cedo porque eu quis adquirir o conhecimento; eu sabia que não haveria outras pessoas para chegar nesse nível em que eu estou agora, então vamos tentar construir o que é de nosso interesse, o que nós vamos fazer aqui! **Chänöngena! Mädjena, na’dejemä.** [Está bem! Era isso o que eu tinha a dizer a vocês!].*

Referências

ANDRADE, Karenina V.. *A ética ye'kuana e o espírito do empreendimento*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) UnB., Brasília, 2007.

SEEGER, Anthony, DA MATTA, Roberto & VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A Construção da Pessoa nas Sociedades Indígenas Brasileiras. *Boletim do Museu Nacional*, 1979. 32: 2-19.